



Outorga do Título de Professor Emérito a

José Aderaldo Castello

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

**CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO
DE PROFESSOR EMÉRITO**

Prof. Da. *José Aderaldo Castello*

SAUDAÇÃO PROFERIDA POR

Profa. Dra. *Telê Porto Ancona Lopez*

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Prof. Dr. José Aderaldo Castello.

São Paulo : SDI/FFLCH/USP, 2002.

23 p.

Discursos por José Aderaldo Castello, Telê Porto Ancona Lopez.

ISBN 85-7506-090-2

1. Ensino superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Castello, José Aderaldo II. Ancona Lopez, Telê Porto III. Série

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

Benjamin Abdala Júnior

DISCURSO DE SAUDAÇÃO	9
----------------------------	---

Telê Porto Ancona Lopez

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO

TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO	15
-----------------------------------	----

José Aderaldo Castello

APRESENTAÇÃO

Na qualidade de Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas desta Universidade, tenho a grata satisfação de encaminhar para publicação os textos relativos aos discursos proferidos, quando da outorga do título de Professor Emérito ao Prof. Dr. José Aderaldo Castello.

Esta homenagem é justíssima, pela liderança intelectual do professor que foi titular de Literatura Brasileira, e autor de importantíssima obra crítica, conhecida no Brasil e no Exterior. Essa liderança se fez sentir também na gestão do Instituto de Estudos Brasileiros, onde o docente, um de seus principais implementadores, fez dessa unidade um centro de pesquisa de referência internacional.

Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior
Chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Profa. Dra. Telê Porto Ancona Lopez

Docente do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira

Os caminhos do Prof. José Aderaldo Castello, nesta nossa Universidade de São Paulo, consolidam os caminhos de uma verdadeira universidade, aquela que, em seus passos, se lembra, a cada dia, que a sua particularidade não a exclui e não a isola do mundo, da atualidade em que se insere; do universo que lhe dá nome e razão de ser. Universidade viva e crítica.

Ensino, pesquisa, formação de professores para o ensino médio e para a universidade, extensão, difusão, interrogações constantes na esfera da legitimidade e do desenvolvimento do homem, detectando precisões e premências, trazendo transformações através da administração correta. Esses caminhos da universidade são também os caminhos do Prof. Castello. O saber gerando novos saberes que tocam a especialização e se alargam na interdisciplinaridade.

O moço cearense contraria os trajetos de seus coestaduanos ou vizinhos no nordeste, rumo a Recife, Salvador e à Capital Federal. Decide estudar em São Paulo e, na Faculdade de Filosofia desta nossa Universidade, nos anos da guerra (por pouco não virou pracinha na Itália), participa intensamente do Grêmio ao lado dos estudantes comprometidos com a luta contra a ditadura de Getúlio e com a luta contra o nazismo. Esse sentido de participação leva o jovem professor já da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP a ministrar, no início da década de 60, um curso de difusão da Literatura Brasileira na União Estadual dos Estudantes. E certamente, muito certamente, à compreensão, na década de 70, de que cumpria ao Diretor do Instituto de Estudos Brasileiros, impedir que a instituição, por ele regida, aceitasse a infame tarefa de coordenar, na USP, o estudo dos Problemas Brasileiros, imposto pela ditadura. Por isso, essa disciplina

que não se logrou evitar, existiu esgarçada entre as diversas unidades e o tiro pôde sair pela culatra, na maioria dos casos, quando nossos professores e seus convidados, por meio da exploração de questões curriculares, despertaram a consciência, ao invés de espalhar a alienação desejada. O Instituto não transigiu. Eu bem me lembro daquela manhã em que o arauto do governo militar, um jornalista de altura descomunal, saiu pisando duro da sala do Davi, que permanecia com o rosto calmo. Discursara sobre a pira da pátria e José Aderaldo Castello havia conseguido desviar do IEB aquele *horrendo fuoco*.

Saudar os homens preclaros é falar na honra que sentimos perante a tarefa. Na USP, a honra dos preclaros faz e molda a nossa, porque é a própria dignidade universitária. Nas parcelas constitutivas desta Universidade, formada no compromisso de transmitir o conhecimento e suscitar novos saberes, ancoo minha fala.

Ensino e pesquisa: tantas disciplinas ministradas pelo Prof. Castello no prédio da rua Maria Antônia (no Mackenzie também) e no *campus* da Cidade Universitária, assim como no exterior, na França e na Alemanha. Este mestre recebeu gerações, compartilhou descobertas, sugeriu possibilidades, formando professores do ensino médio e quadros do ensino universitário; na esfera do serviço Diplomático, difundiu os estudos brasileiros no exterior.

Os caminhos de Castello são os caminhos da pesquisa inovadora em nossa literatura, pesquisa que não se contenta em descobrir e explorar, mas que almeja pôr os textos ao alcance de todos, em publicações e arquivos. Assim, de 1957 a 1980, Castello empreendeu sua investigação de largo fôlego sobre o movimento academicista e os atos acadêmicos, captando material novo que analisou em suas aulas e que foi dado ao público leitor: os 17 volumes de documentos de seu *O movimento academicista* e sua cuidadosa abordagem crítica das *Manifestações literárias da era colonial*; material rico e farto em que se formou sua discípula Yêdda Dias Lima, hoje também uma especialista. Essa pesquisa, em 1962, o colocou entre os primeiros a receber recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa destinados à Literatura Brasileira. Garantiu a seriedade de “literatos”, como as “meninas do Antonio Candido” que, dois anos depois, bateram à porta da FAPESP.

Esteve ao lado de outros projetos que levaram Castello ao Modernismo, ao romance do nordeste, a Machado e à sua obra magna, *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*, em que o processo comparativo do historiador e do crítico busca a aproximação unificadora, o sentido de “auto-identificação” desta literatura, alimentado pelos “legados europeus e americanos”.

Mas, nesta saudação em que cabe a *petite histoire* da deliciosa humanidade cotidiana de José Aderaldo Castello, devo lembrar que o estudo das Academias, desenvolvido na segunda metade do século que já se foi, trouxe à tona um traço da prática empreendedora deste pesquisador: incorporar recursos da tecnologia à investigação na literatura, adotando a fotografia e a microfilmagem, coisas que ninguém fazia. Cavaleiro solitário, Castello, artesão de molduras nas horas vagas, tomou de uma câmera *Leica*. Dispôs sobre uma placa de madeira quatro hastes, cada qual tendo na extremidade uma lâmpada comum de 60 velas, e obteve uma forma de sustentar a máquina. Fechava bem as janelas para recortar, à tesourinha, as beiradas dos filmes *Kodak* de 24 poses que iam registrando cada documento - manuscritos, obras raras, retratos antigos. De arquivo em arquivo, Brasil afora, Castello pesquisador reuniu, diligente, seu mar de fac-símiles. Eu sou testemunha da eficiência dessa engenhoca, pois, na pesquisa iniciada por Antonio Candido em 1963, pioneira na Universidade no âmbito do Modernismo, pudemos, instruídas pela generosidade do Prof. Castello, Maria Helena Grembecki e eu, no verão de 68, acelerar nosso trabalho de recuperação da marginalia de Mário de Andrade. Nosso verão se desdobrou quase em praia aos sóis destinados à *Leica*, na casa da Lopes Chaves. A microfilmadora inventada por Castello aquecia, mais do que tudo, nossa alma; nós nos sentíamos participando de uma importante mudança, cheios de um divertido orgulho de modernidade.

A experiência do pesquisador alimentou os projetos do administrador. A fotografia no registro da marginalia de Mário de Andrade foi, na verdade, o primeiro traço das intenções de Castello e Antonio Candido de iniciar, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, por meio do Acervo do autor de *Macunaíma*, um centro de estudos do Modernismo. Em 68, Castello assumiu a direção do IEB, sucedendo a Sérgio Buarque

de Holanda, o grande historiador de nossa cultura que havia criado esse Instituto pluriáreas de pesquisa. Tarefa sua tornou-se vincar a afirmação nacional e internacional do IEB. Isso se fez e se deu com brilho e justeza, reunindo acervos e definindo áreas, implantando a especialização arquivística e museológica, assim como a partilha da nossa riqueza. O IEB ganhou sua revista de alcance nacional e internacional, fundada por Castello e, com o concurso do arquiteto Íris de Mello, inventou a capa que até hoje aparece; o IEB acolheu o documentário cinematográfico, realizou exposições, cursos interdisciplinares diversos, contando com nomes de relevo e jovens pesquisadores; recebeu estagiários que são hoje estudiosos conceituados da literatura brasileira na Europa e nas Américas. E organizou, com muito sucesso, o I Encontro Internacional de Estudos Brasileiros, em agosto de 1971.

Castello une dois mundos com a força do trabalho e a do sentimento: a FFLCH e seu/nosso/dele IEB. Pesquisa, formação de pesquisadores, de documentaristas, de museólogos e de bibliotecários asseguram o rendimento do Acervo da instituição que, do ponto de origem - a rica biblioteca Yan de Almeida Prado - a seu toque, passou a ser explorado e difundido, a crescer.

N' *A presença da Literatura Brasileira*, a antologia de Antonio Candido e Castello de 1964, o volume três quando organiza, pela primeira vez, o movimento modernista em termos de panorama de autores e textos, traça uma das principais trilhas do IEB: os estudos interdisciplinares sobre o Modernismo que prosseguem até hoje, com multiplicidade de focos.

Assim, aliando ensino e pesquisa, IEB e FFLCH, em 1969 tem início um dos grandes projetos de exploração do Modernismo literário e dos movimentos que imediatamente o antecederam: o estudo dos periódicos, revistas e jornais que decalcaram propósitos e transições, caminho cuja importância, no caso do jornalismo literário romântico, Castello ressaltara em livros e artigos. Esse trabalho que prossegue pelo Brasil, conduzido por doutores nascidos no primeiro núcleo, vinculou-se ao projeto editorial do IEB. Nesse projeto, além da *Revista*, a produção original do IEB interdisciplinar teve sua presença reconhecida e a Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira - a BULB -,

menina dos olhos de Castello, veio à luz. A BULB propôs metodologia e técnicas de edição; produziu edições fidedignas de documentos significativos e deu início à prática da edição crítica na USP, renovando no que diz respeito à classificação das variantes.

Castello, que Antonio Candido considera o professor completo, é, ainda o aluno atento ao que acha que deve ser ensinado, o amigo leal, digno do aplauso de Marco Aurélio aos dadivosos e aos discretos; o interlocutor paciente, o desenhista de vinhetas, o amigo dos animais, companheiro do bem amado Ráfi, ladrador cor tabaco. Os caminhos de Castello nos acrescentam e nos animam. A Vosmecê, Professor para mim sempre emérito, nosso reconhecimento.

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

José Aderaldo Castello

Ao Departamento de Letras e à Colenda Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas devo o meu reconhecimento pelo título que me é concedido de Professor Emérito. E também agradeço à Profa. Dra. Telê Porto Ancona Lopez, companheira no Instituto de Estudos Brasileiros, pela saudação, em nome dela e dos nossos colegas.

Se agradeço através da palavra, confesso, porém, que prefiro cultivar em silêncio o reconhecimento de que possibilidades e condições do cumprimento de deveres e de conquista de objetivos dependem da cooperação de terceiros, em grupos, parcerias ou atos individuais. É com certo pudor, portanto, que me vejo impelido ao depoimento, envolvendo algumas pessoas e momentos que me foram excepcionais. Ao apresentar-me como ângulo de visão em conjuntura de convívio e experiência universitária, penitencio-me e justifico-me, pois assim procedo em decorrência deste ato oficial para nele esclarecer-me e situar-me.

Omito experiências iniciais até a conclusão dos meus estudos secundários em Fortaleza, sob o culto estudantil das tradições do Largo de São Francisco. Contaria com o apoio da família para continuar meus estudos em São Paulo. Conforme o sistema de ensino do momento, que deveria cumprir a etapa intermediária do Curso Pré-jurídico no Liceu Pan-americano, onde tive Antônio Soares Amora como um dos meus professores. Lecionava “História Universal da Literatura”, disciplina enciclopédica, de pesada carga de erudição, contudo amenizada, despertando vivo interesse, graças ao seu extraordinário didatismo, e ainda a enriquecia com comentários antecipados sobre Literatura Brasileira

e às vezes sobre a recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Aulas e comentários motivaram-me a abandonar meus objetivos iniciais e a optar pelo estudo de Letras. Mais tarde, também me surgiria a oportunidade de ler alguns dos primeiros ensaios publicados de Soares Amora na revista *Papel e tinta* e em volume dos *Anais* da Faculdade Sedes Sapientiae. Com o meu ingresso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, posso dizer que lhe devo os fundamentos dos meus estudos e da minha iniciação na pesquisa, voltados para a história da Literatura Brasileira.

A oportunidade de desenvolvê-los me surgiria depois de formado em Letras, ao iniciar-me como assistente do primeiro catedrático da Cadeira de Literatura Brasileira nesta Faculdade, o Professor Dr. Mário Pereira de Souza Lima. Iniciava um longo convívio com quem era portador de formação ampla e erudita e de permanente curiosidade intelectual, sempre atualizado e discreto. Diversificava-se em conhecimentos gerais, incidindo no campo que foi o de seu maior e relevante conhecimento, a filologia e a lingüística. E não me lembro se o Professor Souza Lima alguma vez manifestou preferência ideológica ou qualquer outra orientação exclusivista. Possibilitou-me total liberdade e estímulo, favorecendo minhas preferências.

Na da pesquisa histórico-literária, preocupei-me principalmente com o reconhecimento de claros, na tentativa de preenchê-los, com a necessidade de revisões e complementações. Contaria sempre com colaborações recíprocas, sem dúvida, uma das características principais de conduta do pesquisador. Percorreria vários pontos do Brasil, às vezes, enfrentando condições precárias de trabalho; outras, favoráveis, como quando estive em Portugal e na França. Com o tempo, acumularia informações, bons resultados e também às vezes nenhum. Mas adquiri a experiência que me permite tecer considerações sobre este ramo da pesquisa, o literário, extensivo do Período Colonial ao Modernismo.

Reconheceria logo os mais importantes vazios – e muitos deles ainda persistem – notadamente em toda a extensão do primeiro período. Sabidamente uma decorrência da vigilância centralizadora da Metrópole colonizadora através da censura repressiva da

atividade intelectual e, muito mais ainda, da política e da administrativa. Impedia a visão própria de nós mesmos, tolhendo a liberdade de autoconscientizarmos a compreensão de nossa história geral interna, que não fosse apenas projeção da glorificação externa. A expansão em contrário só dataria dos inícios do século XIX e, no começo, ainda de maneira precária e sob a dependência de arquivos quase exclusivamente situados na ex-Metrópole. À medida, porém, que avançaríamos pelo século XIX, desde a fundação da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico, no Rio de Janeiro, compunham-se ou recompunham-se arquivos nossos, principiava a abertura de similares das ordens religiosas e estabeleciam-se relacionamentos com a Europa, além Portugal. Mesmo assim, até há pouco tempo, nossos arquivos públicos e os de ordens religiosas, as bibliotecas e outras instituições careciam de planejamento e organização eficientes, de preservação e de superar limitações e até sonegações de documentos solicitados. Ao chegarmos ao tempo de nossas universidades e, finalmente já aos nossos dias, contaríamos com melhores condições para o pesquisador, favorecido por recursos técnicos e por financiamentos oficiais.

Todavia, ao lado do que tem sido feito, ainda persistem claros e a necessidade de revisão de caminhos traçados e até definições precisas de objetivos a serem alcançados, inclusive pragmáticos. Consideremos algumas atividades que se generalizam, certamente louváveis e fundamentais, às quais devemos associar a justa difusão de contribuições do século XIX a meados do seguinte, desde problemas de autoria às realizações de edições modelares, algumas tríplices – fac-similar, diplomática e crítica, com fundamentos na filologia clássica. E, mais tarde, outros modelos já avançados, antecipadores de tentativas recentes de coleções de textos. Com o repassar do que se fez, são enriquecidos novos procedimentos hoje centralizados em cursos de pós-graduação. Mas, sem generalizar, eles às vezes se apresentam com resultados restritos ao âmbito universitário, aprisionados, como se não fosse importante levá-los além, salvo alguns textos revestidos de interesses editoriais imediatos. É o caso de perguntar sobre o alcance de difundir textos criteriosos, que possam atingir o leitor, indefeso e vitimado pela leitura de publicações duvidosas dos nossos escritores do passado e até mesmo do presente.

A experiência tem mostrado que a pesquisa pode surgir e realizar-se a partir do esforço individual e também que pode ser perigoso massificá-la. Se inspirada em realizações anteriores, predeterminadas, ou pela aventura de impulsos intuitivos, ou mesmo resultante de descobertas ao acaso, é fundamental que pesquisa e pesquisador contem com condição e orientação voltadas para os seus objetivos. Não basta apenas a presença vigilante do orientador. Com os avanços de recursos técnicos, de financiamentos e de reorganização de nossos arquivos e bibliotecas, convenci-me da importância da informação sistemática e da formação metodológica, fundamentos da pesquisa/pesquisador, possivelmente centralizados em instituições adequadas e ricas. Lembramos exemplos, entre outros, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP e da Fundação Casa de Rui Barbosa, portadores de experiências acumuladas. Mesmo que já procedam adequadamente, eles não se eximem do dever regular e sistematizado da programação informativa, visando ao preparo básico do pesquisador. Para a informação, os chamados bancos de dados e consultas, concentrando dicionários biobibliográficos, histórias literárias, catálogos de coleções de obras raras e de manuscritos de bibliotecas públicas e de arquivos, também de coleções particulares, bibliografia de pesquisas realizadas e divulgadas, edições críticas existentes, informações sobre projetos em andamento, cruzamentos de objetivos e limites. Para a formação, cursos sequenciais ou seminários sobre normas e conceituação de pesquisa, tantas vezes desvirtuadas; sobre direitos autorais; sobre a evolução da pesquisa literária entre nós; sobre conduta do pesquisador e sobre noções básicas de paleografia, de filologia clássica e moderna, ou de ecdótica e, sem dúvida, da chamada crítica genética. Com resultados que ultrapassem os limites universitários, criar-se-iam defesas de fidelidade aos textos e documentos, e de preservação do nosso patrimônio literário.

Dos meus trabalhos de pesquisa aos de história literária, situo o momento em que me surpreende o convite de Antonio Candido para elaborarmos em conjunto a *Presença da Literatura Brasileira – História, crítica e antologia*. Já havíamos iniciado a cooperação entre as nossas duas áreas de ensino, a dele, Teoria Literária e Literatura Comparada, e a minha, Literatura Brasileira. Sempre nos entendemos, sem qualquer

interferência ou restrições na orientação e autonomia de cada um. E continuaríamos assim, realizando aquele projeto sob a vigilância crítica principalmente dele, ambos voltados para a harmonia indissolúvel da obra.

A experiência foi significativa para o que eu vinha pretendendo em divulgações avulsas, as quais, em grande parte, eu aglutinaria ao elaborar meu mais recente ensaio de abrangência geral da Literatura Brasileira. Para demonstrar o benefício, sem ser indiscreto e principalmente sem pretender sugerir cominhos paralelos, coloco-me na obrigação de retrazar o plano da *Presença*, ainda que ele por si mesmo seja claramente reconhecível. Partimos da seleção de autores e de uma de suas obras, representativos do panorama histórico-literário. Uns e outras, autores e obras, precedidos de introduções aos sucessivos períodos em que se situam, seguem-se destacados sob apresentações críticas, contendo dados biográficos e seguidas de síntese da obra selecionada, amparada por excerto antológico, além de bibliografia recomendada. Traçava-se uma seqüência unificada, de maneira a possibilitar a aquisição de conhecimentos e proporcionar o prazer da leitura.

O critério seletivo adotado na *Presença* foi definitivo para convencer-me dos propósitos que, de alguma maneira, eu também alimentava. Esclareço-me: o despojamento de excessos informativos e de erudição, também de teoria, os quais, a meu ver, sobrecarregavam a história literária ou elegiam o leitor iniciado. Com a pesquisa, dei importância ao legado de historiadores e críticos provenientes dos nossos românticos até fins do XIX a princípios do século findo, com Araripe Júnior, Oliveira Lima, sobretudo José Veríssimo, mantendo-me atento a propostas e a pressões de fora para dentro. Convenceram-me do íntimo relacionamento da literatura com a história geral do Brasil e, neste panorama, o papel de certos escritores e suas obras. Ensaio de Araripe Júnior sobre Gregório de Mattos e José de Alencar levaram-me a conceituar o autor-síntese e a obra-síntese, receptores de contribuições anteriores e projetores deles mesmos e de seu momento. Ao lado do despojamento, dedicar-me-ia a delinear a unidade da perspectiva interna de nossa história literária, procedimento que, ao contrário de opor-me a qualquer outro enfoque, me parecia uma abertura à receptividade de quem se conduzisse ou não

de fora para dentro. Arrogava-me, conseqüentemente, o direito de destacar autores e obras, sem que implicasse em subestimar os não incluídos, o que não quer dizer excluídos. Quanto aos selecionados, o importante era interrelacioná-los em visão global, integrantes demonstrativos de trajetória tecida pelas freqüências temáticas e formais. Sob a incidência dos chamados estilos literários de época, ordenava uma seqüência favorável a aproximações com outras literaturas, além das possibilidades para o enquadramento dos não incluídos. Considerava ainda que o texto histórico era freqüentemente invadido pelos dados que sempre me pareceram próprios dos dicionários biobibliográficos, que são, sem dúvida, indispensáveis à consulta do pesquisador e do leitor curioso, uma vez que estas fontes eruditas são extensão complementar da história literária. Desejava motivar uma das funções da história literária, talvez a mais importante, a de alcançar e procurar atrair o leitor comum e estimular curiosidade e gosto, sem esquecer os estudiosos em geral.

Sempre admitidas as posições próprias de cada autor, volto à *Presença* mais uma vez para enfatizar o que representou para mim o ter participado da sua co-autoria. O testemunho fica implícito nas reflexões que acabo de esboçar sobre a orientação adotada no meu último ensaio de tentativa de visão abrangente da Literatura Brasileira, no qual não me preocupo em disfarçar afinidades com a *Presença*, notadamente no critério seletivo. E porque conto com outra dívida bem anterior, devo citar minha primeira tentativa de visão parcial de nossa história literária, voltada para o Período Colonial, com inspiração no conhecimento já referido de ensinamentos e publicações iniciais do Professor Soares Amora e de nossos autores tradicionais.

Em virtude do meu relacionamento com o Instituto de Estudos Brasileiros – USP, ainda me cabe ressaltar o quanto esta instituição deve a Antonio Candido. Basta lembrar que intermediou a transferência para o IEB da “Coleção Mário de Andrade” - Biblioteca, Arquivo e mais de quatrocentas peças de Artes Plásticas, entre pinturas, aquarelas, desenhos e esculturas de 1917 aos anos de 1945, talvez o mais representativo conjunto do que tem sobrevivido desta etapa do Modernismo. Amigo da família, certamente a palavra de Antonio Candido foi fundamental para a preferência irrevogável do Dr. Carlos de Moraes Andrade, de destiná-la ao IEB/USP.

E também merece registro a atitude do Prof. Dr. Eduardo de Oliveira França, quando diretor desta Faculdade e presidente da Comissão de Biblioteca, da qual eu fazia parte, de encaminhar para o IEB a “Coleção Lamego”. Convenceu-se de que o melhor para preservar este importante conjunto de obras raras e manuscritos do Período Colonial era situá-lo ao lado de outros também preciosos, a exemplo da Yan de Almeida Prado, enriquecendo-se e enriquecendo um acervo de raridades relativas ao Brasil, do século XVI ao atual, incomparável, salvo o que se encontra e pode selecionar-se sobre o Brasil na Biblioteca Nacional.

Creemos ter chegado o momento de destinar a tão inestimável fonte de estudos e pesquisas da nossa cultura – também fundamental como tem sido para estudiosos de universidades estrangeiras – a sede que lhe seja tecnicamente adequada e definitiva, condigna com a USP, que tem o privilégio de possuí-la e o dever de preservá-la.

Ainda não posso deixar de mencionar alguns nomes de assíduos freqüentadores do IEB, enquanto lá estive: Antonio Candido, Paulo Emílio Salles Gomes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, os jovens cineastas Geraldo Sarno e Sérgio Muniz, com relevantes participações; Rubens Borba de Moraes, José Mindlin, e dois ilustres aposentados – Fernando de Azevedo e João Cruz Costa. Mas evito alongar-me nomeando outros tantos professores da casa, brasileiros de diversas universidades e brasilianistas estrangeiros, convidados ou de passagem por São Paulo.

E ousa parodiar, como se neles me reconhecesse, versos confessionais de grande poeta:

*“Sempre evitei falar de mim,
Falar-me. Quis falar de coisas!
Mas na seleção dessas coisas
Não haverá um falar de mim?”*

Com o maior respeito pelas palavras do poeta, se me é permitido substituir “coisas” por “fatos e pessoas”, nas circunstâncias em que me colocaram, posso dizer que encontro nelas a maneira de justificar-me.

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a José Aderaldo Castello
<i>Editoração/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Informação
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva AmatuZZi Barros
<i>Diagramação</i>	Dorli Hiroko Yamaoka Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Revisão</i>	Lúcia Helena Ferreira
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	200 exemplares

